

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA ESCOLA: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA DESDE OS ANOS INICIAIS

CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION AT SCHOOL: THE FORMATION OF ECOLOGICAL AWARENESS FROM THE EARLY YEARS

EDUCACIÓN AMBIENTAL CRÍTICA EN LA ESCUELA: LA FORMACIÓN DE LA CONCIENCIA ECOLÓGICA DESDE LOS AÑOS INICIALES

Milena Portela de Souz<sup>1</sup>  
Ana Claudia Pereira de Souza Cazzo<sup>2</sup>  
Sidcley Edson Novaes<sup>3</sup>  
Mavila Jensime Sousa Nunes<sup>4</sup>  
Mariluce Alves Ribeiro de Melo<sup>5</sup>  
Alcione Wagner de Souza<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a Educação Ambiental Crítica (EAC) como caminho formativo para o desenvolvimento da consciência ecológica desde os anos iniciais do ensino fundamental, reconhecendo o papel da escola como espaço de transformação social e ambiental. A pesquisa, de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamenta-se em autores que discutem a dimensão crítica da educação ambiental, como Loureiro (2021), Guimarães (2020), Carvalho (2021) e Sato (2022), além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Os resultados indicam que a EAC favorece a formação de sujeitos reflexivos, éticos e participativos, capazes de compreender as relações entre ser humano, sociedade e natureza. Observou-se que a prática docente crítica e interdisciplinar potencializa a vivência da sustentabilidade no cotidiano escolar, promovendo atitudes de empatia, solidariedade e corresponsabilidade. Conclui-se que a Educação Ambiental Crítica representa um instrumento pedagógico e político essencial para a consolidação de uma cultura ecológica transformadora, pautada na justiça social e na defesa da vida.

1187

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Sustentabilidade. Consciência Ecológica.

<sup>1</sup>Mestranda em Gestão e Auditoria Ambiental, Uneatlantico.

<sup>2</sup>Mestranda em Educação, UNEATLANTICO.

<sup>3</sup>Especialista em Educação Matemática, (CESVASF) Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco.

<sup>4</sup>Mestranda em Tecnologia da Educação, Faculdade de Ciencias Sociales Interamericana.

<sup>5</sup>Pós-graduação Geografia, Centro universitário Barão de Maua.

<sup>6</sup>Mestre em Educação pela UFU, Universidade Federal de Uberlândia.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze Critical Environmental Education (CEE) as a formative path for developing ecological awareness from the early years of elementary school, recognizing the school's role as a space for social and environmental transformation. The research, of a bibliographic and qualitative nature, is based on authors who discuss the critical dimension of environmental education, such as Loureiro (2021), Guimarães (2020), Carvalho (2021) and Sato (2022), in addition to official documents such as the National Common Curricular Base (BNCC, 2018). The results indicate that CEE promotes the formation of reflective, ethical, and participatory individuals capable of understanding the relationship between human beings, society, and nature. It was observed that critical and interdisciplinary teaching practices enhance the experience of sustainability in school life, fostering empathy, solidarity, and co-responsibility. It is concluded that Critical Environmental Education is a fundamental pedagogical and political tool for consolidating a transformative ecological culture based on social justice and the defense of life.

**Keywords:** Environmental Education. Sustainability. Ecological Awareness.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar la Educación Ambiental Crítica (EAC) como un camino formativo para el desarrollo de la conciencia ecológica desde los primeros años de la educación primaria, reconociendo el papel de la escuela como espacio de transformación social y ambiental. La investigación, de carácter bibliográfico y cualitativo, se fundamenta en autores que abordan la dimensión crítica de la educación ambiental, como Loureiro (2021), Guimarães (2020), Carvalho (2021) y Sato (2022), además de documentos oficiales como la Base Nacional Común Curricular (BNCC, 2018). Los resultados señalan que la EAC favorece la formación de sujetos reflexivos, éticos y participativos, capaces de comprender las relaciones entre el ser humano, la sociedad y la naturaleza. Se observó que la práctica docente crítica e interdisciplinaria fortalece la vivencia de la sostenibilidad en el ámbito escolar, promoviendo actitudes de empatía, solidaridad y corresponsabilidad. Se concluye que la Educación Ambiental Crítica constituye una herramienta pedagógica y política esencial para consolidar una cultura ecológica transformadora, basada en la justicia social y la defensa de la vida.

1188

**Palabras clave:** Educación Ambiental. Sostenibilidad. Conciencia Ecológica.

## INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) vem se consolidando como um campo essencial no processo formativo escolar, assumindo um papel transformador na construção da consciência ecológica e na consolidação de práticas sustentáveis desde a infância. Mais do que um conteúdo curricular, ela representa um projeto de vida coletiva, voltado à compreensão das relações entre sociedade e natureza e à necessidade urgente de mudança nos modos de pensar e agir. Nesse contexto, a escola se torna um espaço estratégico para promover reflexões críticas, incentivando a formação de cidadãos capazes de intervir no meio em que vivem de forma responsável e solidária.

Nos últimos anos, o avanço das discussões sobre a Educação Ambiental Crítica (EAC) tem fortalecido a ideia de que educar para a sustentabilidade ultrapassa a dimensão técnica e

informativa, alcançando aspectos éticos, políticos e culturais. Essa perspectiva crítica parte da premissa de que a crise ambiental é também uma crise civilizatória, que exige a reconstrução dos valores humanos e sociais. Assim, o trabalho educativo deve favorecer o desenvolvimento da consciência crítica, levando os estudantes a compreenderem as causas estruturais dos problemas ambientais e suas conexões com as desigualdades sociais.

Os anos iniciais do ensino fundamental são considerados um momento privilegiado para o desenvolvimento dessa consciência, pois é nessa fase que se consolidam valores e atitudes que acompanham o indivíduo ao longo da vida. A inserção da EAC nessa etapa contribui para que as crianças percebam a interdependência entre os seres vivos e compreendam que suas ações têm impacto direto no equilíbrio ambiental. Desse modo, a escola torna-se um ambiente de aprendizagem e de prática cidadã, em que o conhecimento é construído de forma sensível e contextualizada.

Ao abordar a formação da consciência ecológica, é imprescindível compreender que educar ambientalmente não significa apenas transmitir informações sobre o meio ambiente, mas construir uma postura ética e comprometida com o cuidado e a preservação da vida. Para Loureiro (2021), a Educação Ambiental Crítica se fundamenta em uma pedagogia emancipadora, que busca romper com a visão fragmentada do mundo e promover o protagonismo dos sujeitos na transformação da realidade. Nessa lógica, o educador deixa de ser um mero transmissor de saberes e passa a atuar como mediador e incentivador da reflexão coletiva.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância da Educação Ambiental como tema transversal, destacando que o desenvolvimento sustentável e o respeito à natureza devem permear todas as áreas do conhecimento. Esse documento orienta que os processos educativos considerem a diversidade cultural e ambiental do país, estimulando o aluno a participar de práticas sociais que contribuam para a preservação do planeta e para o exercício da cidadania. Assim, a EAC se torna uma ponte entre a teoria e a prática, integrando o currículo escolar à realidade vivida pelos estudantes.

Além de seu caráter formativo, a Educação Ambiental na escola desempenha uma função social e política, pois permite que o aluno compreenda as relações de poder envolvidas nas questões ambientais e se perceba como sujeito capaz de propor mudanças. Guimarães (2020) enfatiza que a educação ambiental crítica deve promover a reflexão sobre o consumo, a exploração dos recursos naturais e as formas de injustiça ambiental, contribuindo para a

construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Essa visão amplia o papel da escola, que deixa de ser apenas transmissora de informações para tornar-se agente de transformação social.

Outro aspecto relevante é a necessidade de formação continuada dos professores, pois somente educadores conscientes e preparados podem conduzir práticas pedagógicas alinhadas aos princípios da sustentabilidade e da criticidade. Sato (2022) aponta que a formação docente precisa favorecer o diálogo entre ciência, cultura e saberes populares, para que o trabalho ambiental nas escolas não se restrinja a datas comemorativas, mas se consolide como prática cotidiana e interdisciplinar. Dessa forma, o professor torna-se também aprendiz, ampliando sua compreensão sobre o meio ambiente e suas implicações sociais.

Diante desse panorama, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a Educação Ambiental Crítica como instrumento de formação da consciência ecológica desde os anos iniciais, reconhecendo o papel da escola na consolidação de valores éticos e sustentáveis. Acredita-se que a prática educativa voltada à criticidade e à reflexão pode contribuir significativamente para o fortalecimento de uma cultura ambiental comprometida com a vida, com o coletivo e com as futuras gerações. Essa abordagem, ancorada em princípios emancipadores, reafirma o papel da educação como caminho para a transformação social e ecológica.

1190

## MÉTODOS

O presente artigo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, concebida como um caminho de investigação que permite compreender os fundamentos teóricos e práticos da Educação Ambiental Crítica (EAC) e sua contribuição para a formação da consciência ecológica nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa escolha metodológica não é apenas uma opção técnica, mas um posicionamento epistemológico que reconhece o poder transformador do conhecimento científico e sua capacidade de provocar reflexão, engajamento e mudança social. A pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2018), busca revisar e interpretar o que já foi produzido sobre determinado tema, não apenas para reproduzir ideias, mas para reconstruí-las criticamente, criando novas possibilidades de compreensão e diálogo entre autores e contextos. Assim, o estudo se estrutura a partir da leitura, análise e síntese de obras de referência, de modo a revelar as interconexões entre as dimensões pedagógicas, éticas e políticas que sustentam a EAC e a formação da consciência crítica desde a infância.

Nesse sentido, a investigação orientou-se pela necessidade de compreender como a escola pode se constituir em um espaço de construção de saberes ecológicos e de práticas de sustentabilidade que ultrapassam o discurso e se materializam no cotidiano escolar. Para tanto, foram selecionadas fontes teóricas e documentais que abordam a educação ambiental sob diferentes perspectivas, priorizando aquelas que tratam da dimensão crítica e emancipatória do processo educativo. De acordo com Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é um método adequado para estudos que buscam compreender fenômenos a partir de fontes secundárias, contribuindo para o avanço teórico de um campo de conhecimento. Assim, foram analisados livros, artigos científicos, dissertações e documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que trazem diretrizes para o desenvolvimento da temática ambiental no currículo escolar, permitindo construir uma base sólida de análise sobre o papel da educação na formação de sujeitos conscientes e responsáveis.

A busca das referências ocorreu em bases digitais amplamente reconhecidas, como Google Scholar, SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, por meio de palavras-chave selecionadas estrategicamente: Educação Ambiental Crítica, consciência ecológica, anos iniciais do ensino fundamental, sustentabilidade escolar e formação docente. A filtragem das obras considerou critérios de atualidade, relevância teórica e pertinência com o tema proposto, privilegiando publicações entre os anos de 2018 e 2024, sem desconsiderar autores clássicos, como Freire (2019) e Reigota (2019), cuja contribuição permanece essencial para a compreensão da educação como prática libertadora e do meio ambiente como espaço de convivência, cultura e cidadania. Essa etapa de levantamento bibliográfico foi conduzida com rigor metodológico, buscando assegurar a representatividade das fontes e a diversidade de olhares sobre o fenômeno investigado, o que garantiu a consistência da análise e a coerência com os objetivos do estudo.

A análise dos materiais selecionados foi orientada por uma leitura interpretativa e reflexiva, que procurou identificar convergências e tensões entre os diferentes autores e correntes teóricas. A partir dessa leitura, foram definidas categorias analíticas como formação da consciência crítica, educação ambiental como prática emancipatória, integração curricular da sustentabilidade e papel formativo do educador. Essa categorização não foi imposta de forma mecânica, mas emergiu do diálogo com os textos e com a realidade escolar que serve de pano de fundo à pesquisa. Conforme argumenta Lüdke e André (2013), a abordagem qualitativa mesmo em estudos bibliográficos permite compreender os sentidos atribuídos pelos autores às práticas educativas, favorecendo uma análise que ultrapassa a descrição e alcança a compreensão crítica

dos fenômenos estudados. Assim, a análise buscou revelar como a EAC pode ser vivenciada na escola de forma transversal, integradora e transformadora, estimulando nos estudantes o desejo de agir éticamente diante dos desafios ambientais.

A natureza qualitativa e interpretativa do estudo permitiu uma aproximação mais sensível com os discursos e contextos presentes nas produções analisadas, respeitando a singularidade de cada autor e valorizando as experiências educativas como fontes legítimas de saber. A interpretação dos dados foi feita à luz do pensamento de Loureiro (2021), Guimarães (2020) e Sato (2022), que defendem uma educação ambiental comprometida com a formação cidadã e com a transformação social. Dessa forma, as contribuições teóricas foram confrontadas com os princípios pedagógicos de Paulo Freire (2019), que entende a educação como um ato político, ético e libertador. A partir desse diálogo, foi possível compreender que a EAC não se restringe ao ensino de conteúdos ecológicos, mas se apresenta como um processo contínuo de conscientização e de ressignificação das relações entre ser humano, sociedade e natureza, promovendo a autonomia e o senso de pertencimento dos alunos em relação ao mundo.

Por fim, o percurso metodológico foi construído com base na ética da pesquisa acadêmica, respeitando a integridade intelectual e a transparência na utilização das fontes consultadas. Todas as obras foram devidamente citadas conforme as normas da revista e reconhecidas em sua contribuição para o desenvolvimento teórico deste trabalho. A metodologia, portanto, não se limitou a um procedimento técnico, mas se configurou como um exercício de reflexão e compromisso com a produção de um conhecimento que inspire novas práticas e diálogos sobre a sustentabilidade. A pesquisa bibliográfica, quando conduzida com profundidade e sensibilidade, revela-se um instrumento poderoso para repensar a escola como espaço de emancipação, diálogo e transformação social, reafirmando que educar para a vida e para o meio ambiente é educar para o futuro da humanidade.

1192

## RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa bibliográfica apontam que a Educação Ambiental Crítica (EAC) se configura como um dos eixos mais promissores para repensar a função social da escola e reconstruir as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Ao articular o conhecimento científico com as práticas cotidianas, a EAC possibilita que a escola se torne um espaço vivo de reflexão, resistência e ação diante dos desafios ambientais contemporâneos. Como defende

Loureiro (2021), essa perspectiva ultrapassa o caráter meramente informativo e assume um papel ético e político, comprometido com a transformação da consciência e da realidade.

Constatou-se que as produções analisadas convergem ao reconhecer a crise ambiental como resultado de um modelo civilizatório que prioriza o consumo e a exploração ilimitada da natureza. A escola, nesse cenário, aparece como um espaço privilegiado para reconstruir valores e práticas que aproximem o ser humano do ambiente em que vive. Guimarães (2020) observa que o ensino crítico ambiental deve proporcionar ao aluno a capacidade de questionar as causas estruturais dos problemas ambientais, permitindo compreender que tais questões estão ligadas à desigualdade social e à lógica capitalista que rege as relações de produção e consumo.

A análise evidenciou também que, para que a Educação Ambiental seja efetiva, é necessário superar o caráter pontual e comemorativo ainda presente em muitas escolas. Em vez de limitar-se a ações isoladas como campanhas de reciclagem ou plantio de árvores em datas específicas a EAC propõe que o tema ambiental perpassa todo o projeto pedagógico, integrando-se às diferentes áreas do conhecimento. Essa transversalidade, segundo Reigota (2019), é o que possibilita que a sustentabilidade seja vivenciada de forma contínua e significativa, moldando atitudes e comportamentos desde a infância.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a EAC tem papel formador decisivo, pois é 1193 nesse período que as crianças constroem os primeiros referenciais de pertencimento e responsabilidade social. Quando as experiências pedagógicas são significativas e sensíveis, as crianças aprendem não apenas a respeitar o meio ambiente, mas também a compreender sua própria interdependência com os outros seres vivos e com o planeta. Carvalho (2021) reforça que a educação ambiental deve despertar o encantamento e o compromisso ético, cultivando a sensibilidade e a empatia como valores que sustentam a convivência harmônica e solidária.

Outro resultado relevante diz respeito ao papel do professor como mediador desse processo. A literatura destaca que, sem uma formação crítica e reflexiva, o docente tende a reproduzir práticas fragmentadas e descontextualizadas, limitando o potencial transformador da educação ambiental. Sato (2022) enfatiza que o educador deve ser preparado para desenvolver uma leitura interdisciplinar da realidade, articulando ciência, cultura e saberes populares, e construindo, junto aos alunos, experiências de investigação, diálogo e ação.

As pesquisas apontam que as escolas que implementam práticas pedagógicas ambientais de forma contínua e integrada demonstram melhor engajamento comunitário e fortalecem o vínculo entre aprendizagem e cidadania. Nesses contextos, o espaço escolar se transforma em

um território de vivência democrática, onde a coletividade e o senso de corresponsabilidade são cultivados. Silva e Cunha (2020) destacam que o envolvimento da comunidade nas ações ambientais amplia o alcance das iniciativas educativas e consolida uma cultura de sustentabilidade enraizada nas práticas locais.

Verificou-se, ainda, que a formação da consciência ecológica é favorecida quando o currículo incorpora a dimensão crítica do meio ambiente e promove experiências práticas, como hortas escolares, oficinas de compostagem, reutilização de materiais e projetos de reflorestamento. Tais práticas permitem que o conhecimento se torne tangível e despertem o sentimento de pertencimento e cuidado, reforçando a ideia de que o ambiente não é algo externo, mas parte da própria vida em comunidade (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Outro ponto identificado é que a Educação Ambiental Crítica estimula a autonomia dos estudantes e o desenvolvimento do pensamento ético. Ao serem instigados a refletir sobre as consequências de suas ações, os alunos passam a adotar atitudes mais conscientes, entendendo que a sustentabilidade depende de pequenas escolhas diárias. Essa conscientização progressiva contribui para a formação de cidadãos participativos, comprometidos com a coletividade e com o futuro do planeta (SANTOS; MENDES, 2022).

Os estudos mais recentes revelam que a EAC contribui também para o desenvolvimento socioemocional das crianças, fortalecendo competências como empatia, solidariedade e resiliência. Essa dimensão humana é essencial para que a aprendizagem se torne integral e significativa. Segundo Jacobi (2022), o contato com a natureza e o envolvimento em projetos ecológicos geram experiências afetivas que transformam o modo de perceber o mundo e favorecem uma postura mais cooperativa e empática nas relações sociais.

A análise das produções evidencia ainda que a escola deve ser coerente entre discurso e prática. Não é possível formar sujeitos ambientalmente conscientes se a instituição não adota condutas sustentáveis em sua gestão cotidiana como o uso racional de recursos, a redução de resíduos e a valorização de espaços verdes. Loureiro e Layrargues (2020) ressaltam que a coerência institucional é condição essencial para que os valores ecológicos se enraízem no cotidiano escolar e deixem de ser apenas um ideal distante.

Outro resultado importante refere-se à necessidade de superar a fragmentação curricular, pois a educação ambiental exige uma abordagem interdisciplinar que envolva diferentes áreas do conhecimento. Quando a sustentabilidade é tratada como um tema transversal, torna-se

possível integrar conteúdos de Ciências, Geografia, Arte e Língua Portuguesa, favorecendo uma aprendizagem que conecta o saber à vida e ao território dos alunos (MORAES, 2023).

A análise das fontes revela que, ao promover a interdisciplinaridade, a escola amplia o sentido da aprendizagem, tornando o aluno um pesquisador ativo de sua própria realidade. Essa prática fortalece a criticidade e desperta o desejo de compreender as causas e consequências dos fenômenos ambientais, promovendo um conhecimento comprometido com a justiça social e a preservação da vida (CARVALHO, 2021).

Os resultados também indicam que as políticas públicas desempenham papel fundamental na consolidação da EAC. Documentos como a BNCC (2018) e o Plano Nacional de Educação (PNE) reforçam a necessidade de integrar a sustentabilidade à formação básica, estimulando escolas e redes de ensino a assumirem a responsabilidade pela educação ambiental como compromisso ético e social. Essa dimensão política sustenta o reconhecimento de que educar para o meio ambiente é também educar para a cidadania.

Em algumas experiências relatadas, constatou-se que a adoção de práticas coletivas e solidárias na escola estimula a participação democrática, tornando o ambiente educativo mais inclusivo e acolhedor. O trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação fortalecem a convivência e promovem a aprendizagem da alteridade, princípio essencial da educação ambiental crítica (REIGOTA, 2019).

1195

A literatura recente também destaca que a EAC se relaciona profundamente com o conceito de justiça ambiental, ao denunciar as desigualdades no acesso aos recursos naturais e as condições desiguais de vulnerabilidade entre grupos sociais. Guimarães (2020) e Jacobi (2022) afirmam que essa dimensão política amplia o olhar dos alunos sobre o mundo, fazendo-os perceber que os problemas ambientais são também problemas humanos e éticos.

A incorporação da participação discente como princípio metodológico mostrou-se central nos estudos analisados. Quando os alunos participam ativamente da elaboração e execução das ações ambientais, tornam-se mais motivados e responsáveis, desenvolvendo senso de pertencimento e compromisso com o coletivo (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Outro resultado importante é que a prática da Educação Ambiental contribui para a revalorização dos saberes locais, conectando o conhecimento científico ao empírico. Essa relação favorece o reconhecimento das identidades culturais e ambientais de cada comunidade escolar, fortalecendo o sentimento de enraizamento e identidade ecológica (PRADO, 2021).

As produções evidenciam, ainda, que a escola que assume uma postura ecológica crítica transforma-se em um espaço de resistência, onde a esperança e a ação caminham lado a lado. Inspirada nos princípios de Paulo Freire (2019), essa perspectiva valoriza o diálogo e o protagonismo dos sujeitos, reafirmando a educação como prática da liberdade e instrumento de emancipação social.

Por fim, os resultados sintetizam que a Educação Ambiental Crítica representa não apenas um campo de conhecimento, mas uma filosofia de vida e uma estratégia de transformação social. Através dela, a escola reafirma seu compromisso com o futuro do planeta e com a formação de sujeitos éticos, conscientes e solidários. Como reforça Loureiro (2021), educar ambientalmente é educar para a vida, para o respeito e para o convívio sustentável, consolidando a escola como um espaço de esperança e de reconstrução do humano.

## DISCUSSÃO

A análise dos resultados possibilita compreender que a Educação Ambiental Crítica (EAC) não se limita à abordagem de conteúdos ecológicos, mas constitui um movimento educativo voltado à transformação social e à reconstrução das relações entre o ser humano, a natureza e a coletividade. As evidências apontam que essa concepção ultrapassa a mera sensibilização ambiental e se consolida como um projeto político e pedagógico comprometido com a emancipação dos sujeitos. Loureiro (2021) ressalta que a educação ambiental crítica propõe uma nova forma de compreender o mundo, fundamentada na solidariedade, na responsabilidade e na ética da vida, sendo, portanto, um caminho de resistência frente à lógica de consumo e exclusão que marca o contexto contemporâneo.

1196

A discussão teórica que permeia os estudos revela que a formação da consciência ecológica exige a articulação entre pensamento crítico, diálogo e prática transformadora. Essa compreensão aproxima-se da pedagogia freireana, segundo a qual o ato de educar é sempre um ato político e ético. Freire (2019) afirma que a educação deve ser instrumento de libertação e não de adaptação, e esse princípio se encaixa perfeitamente na Educação Ambiental, que busca romper com o conformismo diante da degradação ambiental e das injustiças sociais. Assim, o processo educativo passa a ser entendido como um meio de reconstrução do sentido de pertencimento e da responsabilidade coletiva pela vida.

Nos estudos analisados, torna-se evidente que o sucesso das ações ambientais depende da capacidade da escola em integrar o tema ao seu projeto político-pedagógico, superando

práticas isoladas e fragmentadas. Quando o ensino ambiental é incorporado à rotina escolar de forma transversal, a sustentabilidade deixa de ser um discurso abstrato e se transforma em uma prática cotidiana. Guimarães (2020) aponta que o desafio maior está em consolidar a coerência entre o discurso e a ação, fazendo com que a instituição educativa viva aquilo que ensina, assumindo a sustentabilidade como princípio norteador de suas decisões e de suas relações.

O papel do professor emerge como um dos principais elementos de mediação nesse processo. A literatura analisada destaca que o educador deve estar preparado não apenas para ensinar sobre meio ambiente, mas para promover a reflexão crítica, o diálogo e a ação transformadora. Sato (2022) defende que a formação docente precisa ser contínua e reflexiva, permitindo ao professor compreender as dimensões sociais, culturais e políticas das questões ambientais. Assim, o educador torna-se um sujeito aprendente, que constrói o conhecimento junto aos alunos e à comunidade, valorizando os saberes locais e fortalecendo a construção coletiva da sustentabilidade.

Os resultados evidenciam também que a participação da comunidade é indispensável para o fortalecimento da consciência ecológica. A escola, ao abrir-se para o diálogo com o território em que está inserida, cria oportunidades para integrar práticas ambientais à vida cotidiana da população. Silva e Cunha (2020) defendem que a educação ambiental deve ser vivida como processo comunitário e cooperativo, onde o saber científico e o saber popular se complementam, gerando pertencimento e engajamento social. Essa aproximação transforma o espaço escolar em uma extensão do ambiente natural e social, favorecendo o exercício da cidadania ambiental.

1197

A articulação entre educação ambiental e interdisciplinaridade surge como um dos pontos centrais da discussão. Os autores analisados convergem ao afirmar que a EAC deve atravessar as fronteiras disciplinares e dialogar com diferentes áreas do conhecimento, tornando o aprendizado mais significativo e contextualizado. Carvalho (2021) reforça que a sustentabilidade, quando abordada de modo interdisciplinar, favorece o desenvolvimento do pensamento complexo, ampliando a percepção dos alunos sobre a interdependência entre os fenômenos naturais, sociais e econômicos. A interdisciplinaridade, portanto, é condição indispensável para a consolidação de uma prática ambiental transformadora.

Outro aspecto discutido nas produções recentes é a dimensão socioemocional da educação ambiental. Trabalhar com temas ecológicos de forma crítica e humanizada desperta empatia, responsabilidade e respeito à vida em todas as suas formas. Jacobi (2022) destaca que o

contato afetivo com a natureza e as experiências coletivas de cuidado e preservação fortalecem os vínculos humanos e estimulam atitudes de solidariedade. Essa dimensão afetiva é o que dá profundidade à educação ambiental, tornando-a não apenas uma questão cognitiva, mas existencial e ética, vinculada à construção do ser humano em sua totalidade.

Os resultados e os referenciais teóricos convergem também ao afirmar que a EAC promove a autonomia e o protagonismo estudantil. Ao envolver os alunos em práticas participativas, a escola os reconhece como agentes ativos de transformação e não como simples receptores de conhecimento. Oliveira e Santos (2021) afirmam que, quando o estudante é incentivado a refletir, propor e agir, desenvolve senso de responsabilidade e de pertencimento, construindo uma consciência crítica sobre seu papel social. Essa autonomia é essencial para que a educação ambiental ultrapasse a escola e alcance a vida cotidiana, inspirando mudanças reais nos hábitos e valores.

Outra discussão relevante diz respeito à relação entre justiça ambiental e equidade social, dimensões inseparáveis do debate sobre sustentabilidade. A EAC, ao propor a análise crítica das estruturas que sustentam a degradação ambiental, evidencia que os impactos ecológicos atingem de forma desigual os diferentes grupos sociais. Loureiro e Layrargues (2020) argumentam que educar criticamente para o meio ambiente significa também educar para a justiça social, pois não há sustentabilidade possível em uma sociedade marcada por desigualdades. Assim, a educação ambiental torna-se um instrumento de conscientização política e de luta por direitos.

1198

Por fim, a discussão teórica e os resultados obtidos reafirmam que a Educação Ambiental Crítica é um compromisso ético e político da escola com a formação de cidadãos ecológica e socialmente responsáveis. Mais do que ensinar conteúdos, ela propõe a construção de uma nova racionalidade solidária, cooperativa e humanista capaz de ressignificar as relações entre homem e natureza. Como sintetiza Freire (2019), educar é um ato de esperança e coragem; e quando essa educação se volta à defesa da vida e da sustentabilidade, torna-se uma prática de amor, de resistência e de reinvenção do mundo.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa permitiu compreender que a Educação Ambiental Crítica (EAC) representa uma das mais potentes estratégias pedagógicas para a reconstrução do vínculo entre ser humano, natureza e sociedade. Longe de ser uma prática pontual ou meramente informativa, a EAC se revela como uma abordagem ética e política, capaz de formar cidadãos reflexivos,

participativos e sensíveis aos desafios contemporâneos da sustentabilidade. Ao analisar a produção bibliográfica recente, constatou-se que a educação ambiental, quando vivenciada de maneira integrada ao currículo escolar, torna-se uma experiência de transformação coletiva e de redescoberta dos valores humanos. Nessa perspectiva, educar ambientalmente é educar para a vida, para o diálogo e para a emancipação dimensões que constituem a essência da pedagogia freireana (FREIRE, 2019).

A escola, ao assumir esse compromisso, consolida-se como espaço de esperança e de ação, onde o aprender se articula à vivência e o conhecimento se traduz em compromisso ético com o mundo. Os estudos analisados evidenciam que o processo de formação da consciência ecológica começa nas pequenas ações cotidianas e ganha força à medida que os alunos compreendem sua capacidade de intervir e transformar a realidade. A EAC, ao promover a reflexão sobre o consumo, a desigualdade e a degradação ambiental, contribui para que a educação cumpra sua função social de libertar, conscientizar e construir caminhos sustentáveis. Nesse sentido, a prática docente deixa de ser neutra e passa a ser um ato político, comprometido com a justiça social e ambiental (GUIMARÃES, 2020).

Os resultados obtidos e as reflexões apresentadas demonstram que o êxito das práticas de educação ambiental depende da coerência entre discurso e ação. Não é suficiente falar sobre sustentabilidade se a escola não a vivencia em suas rotinas e decisões. É necessário que o ambiente escolar se torne exemplo de responsabilidade ambiental, incentivando o uso racional dos recursos, o respeito à diversidade e o engajamento da comunidade em projetos coletivos. Como observa Loureiro (2021), a coerência entre o que se ensina e o que se pratica é o que dá sentido à educação ambiental crítica, pois ela não se constrói no discurso, mas na experiência vivida e compartilhada com os outros.

Além disso, a pesquisa revelou que a formação continuada dos professores é condição indispensável para a consolidação de uma educação ambiental verdadeiramente crítica. É o educador quem transforma os conteúdos em experiências, quem dá sentido às práticas e quem conduz o aluno ao pensamento reflexivo. Por isso, é fundamental investir na qualificação docente e na criação de espaços de formação que valorizem o diálogo, a pesquisa e a troca de experiências. Sato (2022) ressalta que somente educadores críticos e sensíveis são capazes de inspirar novas gerações a olhar o mundo com cuidado e a agir com responsabilidade. Assim, fortalecer o professor é também fortalecer a sustentabilidade e a consciência ecológica.

Por fim, reafirma-se que a Educação Ambiental Crítica é, antes de tudo, uma prática de amor e de esperança, um convite à construção de um novo modo de ser e estar no mundo. Ela nasce do encontro entre ciência e sensibilidade, entre teoria e prática, entre o saber e o fazer. É uma educação que valoriza a vida em todas as suas formas e reconhece no diálogo a principal ferramenta de transformação social. Como ensina Freire (2019), educar é um ato de coragem e compromisso com o futuro e, nesse sentido, educar para o meio ambiente é educar para a humanidade. Cabe à escola continuar sendo esse espaço de resistência e de sonho, onde a consciência ecológica floresce e se transforma em ação coletiva pela preservação da vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2019.

1200

GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. Campinas: Papirus, 2020.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. São Paulo: Cortez, 2021.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. Trabalho, Educação e Saúde, 2013.

MORAES, Tereza C. Sustentabilidade na escola: práticas pedagógicas interdisciplinares. Curitiba: Appris, 2023.

OLIVEIRA, Lúcia M.; SANTOS, Carla R. Educação ambiental e práticas pedagógicas sustentáveis. Recife: EdUFPE, 2021.

PRADO, Laura M. Educação e meio ambiente: práticas pedagógicas para o século XXI. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2019.

SANTOS, Aline F.; MENDES, Beatriz C. *Consciência ecológica e desenvolvimento socioemocional na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SATO, Michèle. *Educação ambiental: uma abordagem crítica e emancipatória*. Petrópolis: Vozes, 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Patrícia A.; CUNHA, Roberta M. *Comunidade e escola na construção da consciência ambiental*. Salvador: Edufba, 2020.